



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MARÍLIA CONILL MARASCIULO

Relatório técnico de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina **Projetos Experimentais**, ministrada pela **Profª Dra. Gislene Silva**, no primeiro semestre de 2014.

Orientador: Prof Ricardo Barreto

Florianópolis

Julho de 2014

	FICHA DO TCC		
	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2014		
ALUNO	Marília Coniill Marasciulo		
TÍTULO	Uma ponte entre dois países		
ORIENTADOR	Ricardo Barreto		
MÍDIA	X	Impresso	
		Rádio	
		TV/Vídeo	
		Foto	
		Web site	
		Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
		(X) Reportagem	(X) Internacional (X) Região Sul País: Uruguai/Brasil
ÁREAS	Economia, histórias, fronteira.		
RESUMO	Comuns em aeroportos, as <i>duty free shops</i> , lojas que vendem produtos com redução ou isenção de impostos a pessoas em trânsito, também podem ser encontradas em cidades que fazem fronteira com o Brasil. Esta grande reportagem impressa investiga o impacto da instalação destas lojas em pequenas localidades fronteiriças brasileiras. A reportagem tem foco na experiência de Jaguarão, cidade de quase 30 mil habitantes no		

	<p>Rio Grande do Sul, na qual as <i>duty free shops</i> foram instaladas em Rio Branco, Uruguai, há uma década. As pautas da reportagem abordam questões legislativas e econômicas relacionadas à interferência das <i>duty free shops</i> no comércio local, e tratam das possíveis mudanças sociais causadas pelo turismo de compras gerado pelas lojas. O texto é construído a partir do ponto de vista dos moradores de Jaguarão, principais fontes da reportagem.</p>
--	--

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
1 INTRODUÇÃO	8
1.1 RESUMO	8
1.2 ESCOLHA, PERTINÊNCIA E RELEVÂNCIA DO TEMA	8
1.3 FORMATO/ESTRUTURA.....	10
2 PRODUÇÃO	12
2.1 PRÉ-PRODUÇÃO	12
2.1.1 Levantamento de fontes	13
2.1.2 Agendamento de entrevistas	13
2.2 AS ENTREVISTAS.....	13
2.2.1 Fontes	14
2.3 PRODUÇÃO DO TEXTO.....	19
2.3.1 Decupagem das entrevistas	19
2.3.2 Redação	19
2.3.2 Ajustes e revisão	25
3 FINALIZAÇÃO	22
3.1 EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO.....	22
3.2 FOTOGRAFIAS	22
3.3 REVISÃO FINAL E IMPRESSÃO	22
4 CUSTOS	23
5 CRONOGRAMA EXECUTADO	24
6 AVALIAÇÃO	25
6.1 DIFICULDADES	25

6.2 APRENDIZADO.....	27
7 REFERÊNCIAS.....	28
8 BIBLIOGRAFIA LIDA	28

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me acompanharam não só na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, mas durante toda a graduação.

Aos meus pais e ao meu irmão, que sempre apoiaram minhas escolhas, mesmo quando implorei para me obrigarem a estudar Medicina. Aos meus avós, que serviram de inspiração para este trabalho, ao me contarem histórias de quando moravam em Jaguarão (avós maternos) ou de suas idas à cidade (avó paterna).

Aos meus amigos, que tiveram paciência quando tive que deixar de sair ou quando passei horas falando só sobre Jornalismo. Em especial, agradeço ao Tomás Petersen, por estar sempre disponível para dar opinião, ler, corrigir e editar meus textos.

Obrigada também ao meu orientador, Ricardo Barreto, e a todos os professores do Curso de Jornalismo da UFSC, por me fazerem amar a profissão e não me deixarem desistir.

Finalmente, agradeço aos moradores de Jaguarão e Rio Branco, que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho, por fazerem eu me sentir em casa e bem recebida quando estive na cidade.

1. INTRODUÇÃO

1.1. RESUMO

Comuns em aeroportos, as *duty free shops*, lojas que vendem produtos com redução ou isenção de impostos a pessoas em trânsito, também podem ser encontradas em cidades que fazem fronteira com o Brasil. Esta grande reportagem impressa investiga o impacto da instalação destas lojas em pequenas localidades fronteiriças brasileiras. A reportagem tem foco na experiência de Jaguarão, cidade de quase 30 mil habitantes no Rio Grande do Sul, na qual as *duty free shops* foram instaladas em Rio Branco, Uruguai, há uma década. As pautas da reportagem abordam questões legislativas e econômicas relacionadas à interferência das *duty free shops* no comércio local, e tratam das possíveis mudanças sociais causadas pelo turismo de compras gerado pelas lojas.

1.2. ESCOLHA, PERTINÊNCIA E RELEVÂNCIA DO TEMA

O Brasil possui mais de 15 mil quilômetros de fronteiras terrestres com dez países da América do Sul. T tamanha extensão se destaca pela dificuldade de ser controlada, e geralmente é este o enfoque dado pela mídia, que costuma tratar de questões como o tráfico de drogas e segurança nas fronteiras. Temas como a relação entre as cidades-gêmeas – aglomerações urbanas que se encontram aos pares ao longo do limite internacional – geralmente não recebem a mesma atenção. Estas cidades são caracterizadas por intensas trocas, tanto econômicas como culturais. Em casos como o da fronteira do Brasil com o Uruguai, estes locais também possuem uma rica história do período de colonização espanhola e portuguesa.

A fronteira do Uruguai com o Brasil localiza-se totalmente no Rio Grande do Sul, com mais de mil quilômetros de extensão e seis pares de cidades consideradas gêmeas, entre elas Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY). Jaguarão e Rio Branco ficam a cerca de 400 km ao Sul de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. São separadas pelo rio Jaguarão, sobre o qual se situa a

Ponte Internacional Barão de Mauá, que permite o trânsito entre as duas cidades.

Alguns dos países vizinhos ao Brasil, entre os quais o Uruguai, permitem a instalação de *duty free shops* nas cidades de fronteira. Na tradução literal "livre de imposto", são lojas que vendem produtos importados com isenção ou redução de impostos a pessoas em trânsito.

Em 1986, o país autorizou a instalação destas lojas com objetivo de estimular a economia das cidades fronteiriças e entre 2003 e 2004 foram inauguradas as *free shops* em Rio Branco, foco deste trabalho. De fato, ao longo da década em que estão em funcionamento, as lojas trouxeram recursos para a cidade, que aos poucos recebeu melhorias em infraestrutura. Em estudo de campo realizado por Ferreira (2009), os moradores afirmaram que antes da chegada destas lojas, Rio Branco era uma cidade fantasma.¹

¹ Os impactos positivos e negativos das lojas foram estudados ainda por De Souza (2008) e Porto (2008). O primeiro realizou um estudo de campo em Rio Branco e identificou as mudanças sociais decorrentes da instalação das *free shops*, e constatou que houve crescimento significativo da população, que na sua maioria aprova a abertura das lojas. A segunda pesquisou sobre o impacto econômico que as *free shops* tiveram em Jaguarão e descobriu que a maioria dos comerciantes brasileiros não as consideraram prejudiciais ao negócio local.

Se por um lado as *free shops* movimentaram a economia em Rio Branco, o comércio na cidade vizinha sofreu perdas, pois os habitantes passaram a atravessar a ponte em busca de produtos mais baratos e muitas vezes com melhor qualidade. No entanto, a instalação das lojas trouxe um novo tipo de fluxo econômico a Jaguarão: o turismo. Mesmo com as melhorias em infraestrutura feitas em Rio Branco, brasileiros que vão a região preferem se hospedar em Jaguarão. Em feriados ou épocas festivas, como Natal e Páscoa, é difícil encontrar vagas em hotéis e restaurantes da cidade.

Em outubro do ano passado, um novo elemento passou a fazer parte desse cenário econômico: foi sancionada a lei que permite a instalação de *free shops* nas cidades brasileiras da fronteira, e que aguarda apenas a regulamentação. Jaguarão será uma das cidades beneficiadas com a lei.

A recente Lei das *Free shops* mostra como essas lojas influenciam o cenário econômico e social nas cidades-gêmeas da fronteira. De um lado, temos as mudanças geradas pelo fluxo de turistas e investimentos em infraestrutura gerados pelas lojas. De outro, há o enfraquecimento das cidades que não possuem este tipo de comércio.

Todos esses fatores me levaram a crer que uma reportagem impressa sobre este assunto reunia características que, ao longo da graduação, aprendi e considero serem fundamentais à boa prática jornalística: factualidade (há, afinal, uma nova lei em questão); histórias, tanto de pessoas quanto de uma região; outra angulação para um tema que geralmente é tratado pela mídia apenas quando o assunto é tráfico de drogas ou contrabando; curiosidade pessoal, importante para me manter interessada e desejar buscar sempre as melhores e mais informações; e amplitude, pois embora trate de apenas um par de cidades, a experiência se repete em tantas outras ao longo da fronteira.

De acordo com Reyes (2010), o Jornalismo não só desempenha um papel importante na construção de imagens cartográficas desta região, como tem "impactos concretos na vida daqueles que habitam e conhecem cotidianamente os espaços de fronteira" (REYES, 2010, p. 242). Por isso, esta reportagem tem como principal objetivo proporcionar uma visão não só sobre o contexto histórico e social da vida na fronteira antes e depois da instalação de *free shops*, mas também trazer uma abordagem sobre a vida na fronteira em si, assunto que geralmente é negligenciado pela mídia.

A partir do gancho da nova lei, pretende-se mostrar as particularidades da situação econômica e legislativa da região, e que em meio a elas existem também histórias interessantes de moradores que viram tantas mudanças ocorrerem, seja por causa de *free shops* ou por motivos particulares à fronteira. Ao contar estas histórias, a ideia é proporcionar uma visão mais humana sobre o assunto.

Por fim, espera-se que pessoas em outras cidades fronteiriças possam se identificar com esta reportagem, embora ela trate de um caso específico. Dessa forma, ela passa a ter o valor de não chamar a atenção apenas para a situação deste par de cidades, mas também para a de tantas outras na imensa fronteira brasileira.

1.4. FORMATO/ESTRUTURA

A escolha pelo formato de uma grande reportagem impressa foi devido à maior durabilidade e maleabilidade deste, que pode ser transformado e adaptado com mais facilidade que vídeos ou áudio (reportagem fotográfica, neste caso, foi descartada pela complexidade da temática econômica da pauta). Ela pode ser utilizada na íntegra em jornais ou revistas, publicada em formato de série, ou adaptada para especiais multimídias ou séries online.

A reportagem possui quatro pautas principais: (1) a nova lei que permite a instalação de *free shops* nas cidades brasileiras, (2) os impactos das *free shops* uruguaias no Brasil e na região, (3) o histórico econômico e cultural da fronteira e (4) as características deste tipo de comércio. Entretanto, as pautas não são abordadas de forma linear – na segunda retransmissão, por exemplo, são tratados os impactos positivos e negativos das lojas, e somente após o histórico econômico da região a reportagem volta a tratar das mudanças no comportamento da população, causadas pela instalação de *free shops*.

A opção por este "vai-e-vem" se deu para corrigir uma falha no planejamento da reportagem. Inicialmente, a ideia era construir a reportagem inteira ancorada em depoimentos de moradores e escrita sob o ponto de vista deles. As informações relacionadas à legislação ou economia seriam inseridas ou intercaladas nas histórias. Entretanto, durante a apuração percebi que isso não seria possível por diversos motivos. Primeiro, porque foi quase impossível encontrar alguém que tivesse uma história redondinha relacionada às *free shops* ou simplesmente a alguma particularidade das cidades. As pessoas se lembravam de trechos ou fragmentos, nunca de casos específicos. Segundo, porque mesmo quando lembravam,

tive dificuldades em confiar nas informações fornecidas. Em alguns casos, me pareciam distorcidas ou naturalmente modificadas pelo tempo e pela memória. Cheguei a buscar confirmações no jornal local, mas por não ter encontrado nenhum registro das histórias (que certamente seriam notícia na época), desisti da ideia de utilizá-las.

Assim, a reportagem adquiriu um formato tradicional, com o uso de aspas ou citações para os fragmentos ou memórias de alguns entrevistados. Na tentativa de não deixá-la cansativa, busquei intercalar as informações mais "duras", como legislação e histórico econômico, com experiências e histórias dos moradores sobre o impacto das lojas na fronteira.

2. PRODUÇÃO

2.1. PRÉ-PRODUÇÃO

As pesquisas sobre o assunto foram iniciadas em agosto de 2013, quando comecei a escrever o projeto deste trabalho. Busquei em diversos portais da internet matérias e reportagens sobre o assunto, assim como livros e artigos que trouxessem um panorama histórico, econômico e político sobre a região.

Após definida a angulação do meu trabalho, iniciei pesquisas mais profundas sobre a história da região e a legislação vigente, a fim de compreender melhor a vida na fronteira e questões legais que envolvem o tema. Também pesquisei artigos teóricos sobre a cobertura jornalística na fronteira para melhor me preparar para realizar o trabalho e tentar evitar erros comuns na prática da reportagem.

2.1.1. Levantamento de fontes

Assim que iniciei o trabalho, busquei levantar fontes na cidade e na região que pudessem me auxiliar tanto com o tema diretamente (especialistas) ou para encontrar pessoas comuns em Jaguarão. Para isso, entrei em contato com professores de História/Patrimônio Cultural/Economia Gaúcha da Unipampa (*campus* Jaguarão); com o autor do livro "Origens de Jaguarão", Sérgio da Costa Franco; com o deputado presidente da Frente Parlamentar dos *Free Shops* em Cidades Gêmeas brasileiras; com um professor uruguaio que escreveu sobre o mesmo tema, mas sob o ponto de vista do Uruguai; com o inspetor da aduana em Jaguarão; com o prefeito e secretário de cultura de Jaguarão; e com um historiador/cidadão honorário da cidade. Também consegui o contato de moradores.

2.1.2. Agendamento de entrevistas

As entrevistas foram agendadas por e-mail/telefone.

2.2. AS ENTREVISTAS

Para escrever esta reportagem, foram consultadas 34 fontes. As entrevistas foram realizadas em Florianópolis (embora a única fonte de Florianópolis consultada tenha sido um professor, para esclarecer dúvidas gerais de economia), em Porto Alegre, Jaguarão e Rio Branco. Elas foram concentradas nos cinco dias em que visitei estas cidades.

Em todas as entrevistas, utilizei o gravador e bloco de anotações. Nunca abri mão de registrar tanto informações que o entrevistado falava e que eu considerava importantes, quanto observações em relação ao local ou expressões do entrevistado.

A duração de cada entrevista variou conforme a importância da fonte para a matéria ou a relevância das informações que a fonte fornecia – algumas renderam mais que as outras, mas a média foi de 30 a 40 minutos por conversa.

Nos casos em que a fonte era um especialista em determinado assunto – professores, políticos, historiadores, economistas – elaborei um roteiro prévio de perguntas. Nestas situações, percebi que mostrar a eles que eu havia estudado o tema e sabia aonde queria chegar era uma maneira de ganhar confiança e conseguir até mais informações do que eu esperava. Da mesma maneira, notei que nas primeiras entrevistas, com os professores da Unipampa, fiquei confiante demais de que encontraria informações adicionais na internet, como pesquisas científicas, o que não aconteceu e me obrigou a entrar em contato novamente por e-mail.

Quando as fontes eram um pouco mais informais, o tom da entrevista sempre foi mais de conversa, busquei deixá-los à vontade e não pressioná-los em relação ao tempo, pois precisava principalmente de memórias e lembranças.

2.2.1. Fontes

Embora 34 fontes tenham sido consultadas, nem todas aparecem no texto de forma direta, com citações ou atribuições. Também consultei o arquivo do jornal *A Folha*

Regional, desde a década de 1990 até 2014, para checar dados/histórias que as fontes me contaram.

Abaixo estão listadas todas as fontes entrevistadas.

Nome	Descrição	Local/ Data da entrevista
Fernando Seabra	Professor de Comércio Exterior na Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis, 19 de março
Mauricio de Souza Silveira	Sociólogo, professor no Centro de Pesquisas da Fronteira da Universidad de La República (Udelar) e natural de Rio Branco	Porto Alegre, 7 de abril
Frederico Antunes	Deputado pelo Partido Progressista, presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Implantação de <i>Free Shop</i> em Cidades Gêmeas de Fronteiras	Porto Alegre, 7 de abril
Sérgio da Costa Franco	Historiador, advogado e	Porto Alegre, 7 de abril

	jornalista, autor do livro "Origens de Jaguarão"	
Maria Helena Estima	86 anos, natural de Rio Grande	Rio Grande/Jaguarão/ Telefone, 8 de abril – 16 de maio
Juliana Jasper	Coordenadora do Curso de Turismo na Universidade Federal do Pampa (Unipampa)	Jaguarão, 8 de abril
Carlos Rizzon	Professor de História e Cultura da Fronteira na Unipampa	Jaguarão, 8 de abril
Alan Dutra de Melo	Professor de Patrimônio Cultural da Unipampa	Jaguarão, 8 de abril
Marcelo Dias da Costa	Dono da Churrascaria Rafa	Jaguarão, 8 de abril
Andréa Lima	Secretária adjunta na Secretaria de Cultura e Turismo	Jaguarão, 9 de abril
Marise da Silva Gonçalves	Dona de um box no camelódromo	Jaguarão, 9 de abril
Laureci Botelho	Dono do box mais antigo no camelódromo	Jaguarão, 9 de abril
Antônio Carlos Azambuja	Dono do Hotel Rio's	Jaguarão, 9 de abril
Patrícia Martins	Dona da loja Yes Cosmetics	Jaguarão, 9 de abril

Fabiana Cardoso de Oliveira	Vendedora na loja O Boticário	Jaguarão, 9 de abril
Robert Pereira	Prefeito de Rio Branco	Rio Branco, 9 de abril
Rosaura Neves	Do lar	Jaguarão, 9 de abril
Gustavo Borba	Caixa na <i>free shop</i> Mario	Rio Branco, 10 de abril
Wilson Ramos	Dono da <i>free shop</i> Suzi	Rio Branco, 10 de abril
Luís Alberto Ramirez	Cuidador de carros	Rio Branco, 10 de abril
Olga Betancour	Diretora da escola primária de Rio Branco	Rio Branco, 10 de abril
Martha Lopez	Auxiliar na escola primária de Rio Branco	Rio Branco, 10 de abril
Maria Emma Mendes Líppolis	Dona da Casa Mendes e presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas	Jaguarão, 10 de abril
Marcelo Vicente Rodrigues	Gerente da confeitaria Pane Mio	Jaguarão, 10 de abril
Cleber Carvalho	64 anos, artesão	Jaguarão, 10 de abril
Cássia Fagundes	39 anos, turista de Porto Alegre	Jaguarão, 11 de abril
Enéias Pereira	37 anos, turista de Porto Alegre	Jaguarão, 11 de abril
Cláudio Martins	Prefeito de Jaguarão pelo Partido dos	Jaguarão, 11 de abril

	Trabalhadores	
Luís Carlos Peres	Diretor do Grupo Hotel Sinuelo	Jaguarão, 11 de abril
Clóvis Gonçalves da Silva	Presidente do Grupo Hotel Sinuelo	Jaguarão, 11 de abril
Ana Elisa Azambuja	54 anos, natural de Jaguarão	Jaguarão, 11 de abril
Eduardo Alvares de Souza Soares	Advogado, jornalista, confrade do Instituto Histórico e Geográfico e "Cidadão Honorário" de Jaguarão	Jaguarão, 11 de abril
Alessandro Gonçalves	Inspetor da Receita Federal em Jaguarão	Jaguarão, 11 de abril
Derli Rodrigues	Economista, representante do Conselho Regional de Economia (RS)	Telefone, 27 de abril, emails

2.3. PRODUÇÃO DO TEXTO

2.3.1. Decupagem das entrevistas

Por causa do curto período que fiquei nas cidades onde a maior parte das entrevistas ocorreu, não havia tempo para decupar/transcrever todas as entrevistas no

final de cada dia. Mesmo assim, busquei relembrar e definir os pontos principais de cada uma delas que pudessem servir para a reportagem, e verificava se faltava alguma informação importante. Somente nos casos da vendedora da loja O Boticário e do dono da churrascaria isso ocorreu, e precisei reencontrar as fontes para esclarecer a dúvida.

Antes de começar a escrever, transcrevi todas as minhas anotações em um programa que gerencia conteúdo, o *Evernote*. Separei-as pelo nome/função da fonte, para facilitar o acesso na hora da pesquisa. Se surgiam dúvidas em relação ao que eu havia anotado, ou se sentia que haveria mais informações relevantes nas gravações, ouvia o áudio e transcrevia-o. Não transcrevi todos os áudios, pois isso significaria um trabalho desnecessário e uma perda enorme de tempo, visto que eram mais de dez horas de conversas gravadas.

2.3.2. Redação

A produção do texto começou no dia 14 de abril e terminou no dia 26 de maio. Como mencionado, o plano inicial era ancorar a reportagem em depoimentos de moradores, e escrevê-la sobre o ponto de vista deles. Entretanto, isso não foi possível, e tive de redigir o texto

com o formato tradicional de reportagens, utilizando aspas e citações somente em alguns momentos.

Mesmo assim, outros pontos do planejamento para a redação do texto foram cumpridos. A ideia de utilizar alguns recursos do "Jornalismo Literário" (PENA, 2006) ou "Novo Jornalismo" (WOLFE, 2005; LAGE, 2001) foi colocada em prática. Como definido por Pena, o conceito de Jornalismo Literário é um conceito amplo, que representa uma alternativa complexa às amarras de uma redação.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os *definidores primários* e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13, grifos do autor)

O primeiro item, "potencializar os recursos do Jornalismo", diz respeito a aproveitar ao máximo os princípios e recursos do jornalismo (apuração rigorosa, abordagem ética, capacidade de se expressar claramente). Considero que, ao redigir este TCC, fui fiel a estes princípios. Tive cuidado extremo com a apuração, sempre me preocupei em compreender perfeitamente e checar as informações que me eram transmitidas. Também deixei claro às fontes quais eram minhas intenções e desconfieei daquelas que tinham interesses em divulgar determinadas

informações (isso foi observado especialmente nas conversas com a representante da CDL). Acredito que o texto esteja claro e fácil de ler, de modo que mesmo o leitor leigo que não conheça a região ou o tema seja capaz de compreender do que se trata a reportagem.

O segundo, terceiro e último – ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, e garantir perenidade e profundidade aos relatos – estão interligados, pois defendem a busca por uma abordagem que ultrapasse o *deadline* e possua informações abrangentes e consistentes, que resistam ao longo do tempo. Esta sempre foi uma preocupação que tive ao redigir esta reportagem. Busquei não me prender tanto à notícia (a nova legislação), embora ela esteja presente e quando a lei for de fato regulamentada o texto talvez precise de ajustes. No entanto, acredito que, de qualquer forma, o texto traz informações sobre a região e o contexto da fronteira que resistirão ao longo do tempo, independentemente dos desdobramentos da notícia que motivou esta grande reportagem.

Romper as correntes burocráticas do lead² significa fugir da fórmula, utilizando criatividade e aplicando técnicas literárias de construção narrativa. Estes recursos, como descritos por Wolfe (2006), são, entre outros: a construção de cena, o registro do diálogo e o registro de detalhes (gestos, hábitos, costumes, modo de falar e se comportar). Na medida do possível, busquei utilizar estes recursos. Um exemplo é o relato no início do texto, em que utilizei o formato de diálogo e procurei reconstruir as cenas relatadas pela fonte, ou a descrição do movimento na ponte, que vem em seguida. O cuidado com o registro de hábitos e costumes veio principalmente na preservação das falas das fontes, com o uso de "tu" ao invés de "você", por exemplo.

Finalmente, o tamanho do texto previsto foi respeitado. Ao planejá-lo, havia definido que teria cerca de 30 mil caracteres. O resultado final possui pouco mais de 35 mil.

2.3.2. Ajustes e revisão

Os ajustes do texto foram feitos em conjunto com meu orientador. Ao finalizar a redação do texto, eu o entreguei ao professor Ricardo Barreto, que fez as

² Estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no início do século XX, que estabelece que o primeiro parágrafo de uma reportagem deve responder a seis questões básicas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? (PENA, 2006, p.14)

correções que julgou necessárias. Depois de corrigido, nós nos encontramos pessoalmente para que ele me explicasse e me mostrasse o que necessitava ser alterado.

3. FINALIZAÇÃO

3.1. EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Embora em meu projeto de TCC eu não tenha previsto a diagramação, ao concluir a reportagem eu e meu orientador decidimos que editorá-la poderia deixá-la mais atrativa e com uma leitura mais fluida ao intercalar texto com fotos.

Como o objetivo era apenas deixar o texto melhor apresentado, optei por uma editoração simples: fonte com corpo grande (Garamond, 15) para facilitar a leitura, fotos bem abertas, olhos-detelhe e capitulares para chamar a atenção do leitor. Eu mesma diagramei a reportagem, utilizando o programa Adobe Indesign no formato de página A4.

As capitulares cumprem também o papel de "pausas" ou "intertítulos" na edição. Decidi não utilizar o recurso de intertítulos para separar as retrancas para não distrair o leitor. A ideia é que as capitulares indiquem que ali

há uma mudança no assunto que está sendo tratado, mas sem nunca perder o foco do tema central a ponto de precisar de outro título.

É interessante notar a dificuldade particular que eu e meu orientador tivemos com a repetição da palavra *free shop* durante a edição. Por ser o tema central deste TCC, ela aparece com frequência no texto. Ao mesmo tempo, por ser uma palavra em inglês, é difícil encontrar sinônimos para ela. Quando possível, trocamos por "lojas francas" ou "comércio livre de tributos", porém nem sempre a troca podia ser feita sem que o sentido da frase fosse alterada.

3.2. FOTOGRAFIAS

Por recomendação de meu orientador, levei minha câmera digital não profissional durante a apuração. A ideia era registrar o que eu considerasse interessante e importante e depois avaliáramos se o material era bom o suficiente para ser utilizado.

Tirei mais de 120 fotos das cidades, da ponte e das pessoas entrevistadas, das quais selecionei 30 que considerei relevantes para o TCC e finalizei escolhendo 18 para ilustrar o texto.

O critério de seleção era de que as fotos representassem principalmente a ponte ou as fontes que

aparecem na reportagem. Com exceção de uma, que mostra pessoas com sacolas de *free shops* e que considerei interessante porque de certa forma comprova um dos argumentos da reportagem, todas as outras foram selecionadas com base neste critério.

3.3. REVISÃO FINAL E IMPRESSÃO

Ao finalizar a diagramação, imprimi uma versão piloto deste TCC. Ela serviu para corrigir erros de alinhamentos, paginação, posicionamento das fotografias e também para realizar uma última revisão no texto, a fim de evitar erros ortográficos e de digitação.

Com os ajustes e revisão finalizados, imprimi as versões finais deste TCC: três cópias para a banca avaliadora, que recebeu seus exemplares sete dias antes da defesa do trabalho, junto com este relatório.

4 CUSTOS

Descrição do custo	Preço
Deslocamentos para entrevistas:	
Florianópolis – Porto Alegre	R\$ 120,00
Porto Alegre – Rio Grande	R\$ 79,60
Jaguarão – Pelotas	R\$ 10,00
Pelotas – Rio Grande	R\$ 24,80
Táxi	R\$ 121,00
Total	R\$ 355,40
Hotel:	
4 diárias	R\$ 206,00
Alimentação:	R\$ 187,00
Livros/ Fococópias de documentos:	R\$ 119,00
Impressão:	R\$ 172, 75
TOTAL	R\$ 1040, 15

5. CRONOGRAMA EXECUTADO

Em agosto de 2013 foi definido um cronograma para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Atividade	Data prevista inicialmente	<u>limite</u> da Data realização
Pré-produção, pesquisas, seleção de fontes	10/03	19/03
Apuração	07/04	11/04
Redação	02/05	26/05
Edição	16/05	05/06
Revisão	06/06	08/06
Finalização gráfica	13/06	22/06
Impressão final	20/06	23/06
Entrega TCC para banca	23/06	24/06
Defesa	30/06	01/07

6. AVALIAÇÃO

6.1. DIFICULDADES

Ao escolher este tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso, sabia que estava me impondo um desafio, mas não imaginei nem um terço das dificuldades técnicas pelas quais passaria para escrevê-lo.

A principal dificuldade, talvez a única que havia previsto, foi organizar as informações em uma grande reportagem. Durante a graduação, nunca escrevi textos com mais de dez mil caracteres – este TCC possui mais de trinta mil. Por onde começar, que linha seguir, que fontes citar, o que deixar de fora, como tornar o texto menos engessado e como terminar foram algumas das dúvidas que me acompanharam durante toda a produção do texto.

A solução encontrada foi bastante criticada por meu orientador: não escrevi o texto de forma linear. Defini os tópicos que iria abordar e os escrevi conforme tinha vontade. Por isso, não raro uma informação do começo do texto era transferida para o final, ou vice-versa. Isso dificultou o trabalho na hora da edição e atrasou a produção do TCC.

Também evitei consultar minhas anotações enquanto escrevia. Busquei ler previamente tudo sobre o tópico que seria abordado e só então escrever, confiando na memória

como melhor ferramenta para selecionar o conteúdo relevante. Terminado o texto, voltava às anotações para verificar dados, citações e crédito de fontes. Este processo me ajudou a não perder o foco da reportagem e contar a história que eu desejava, sem me perder em detalhes irrelevantes que poderiam deixar a leitura do texto mais complexa e pesada.

Ao longo da apuração, essa dificuldade em organizar as informações e o pensamento veio na forma de não saber quando era o momento de parar. Inicialmente, havia previsto permanecer em Jaguarão por pelo menos cinco dias. Entretanto, no final do quarto dia, sentia que já tinha informações o suficiente para escrever cinco livros sobre a cidade. Mesmo assim, não tinha certeza absoluta de que havia conseguido a matéria – e se faltou conversar com a pessoa X de tal lugar? Não possuía experiência técnica prévia suficiente para conseguir definir. Conversar com amigos e minha família sobre o que eu havia apurado foi a melhor maneira de elucidar meu pensamento e definir que tinha informações o suficiente para escrever este TCC, e que era hora de ir embora.

Parte deste sentimento de dúvida em relação à apuração foi devido à minha falta de confiança no relato oral das pessoas, desafio que acredito seja parte do

cotidiano até de jornalistas mais experientes. Algumas histórias repetidas por diversos moradores me pareciam sensacionais demais, ou dados eram repetidos "de memória" por quem tinha algo a ganhar com aquilo. Além de sempre confrontar as informações entre as fontes, busquei documentos que comprovassem as histórias ou os dados. Entretanto, é incrivelmente difícil encontrar dados ou pesquisas oficiais relacionadas à fronteira. Os dados econômicos do governo do estado, por exemplo, trazem informações somente do "arco Sul", que mistura a fronteira com cidades como Rio Grande e Pelotas, que são consideravelmente maiores e mais ativas. Na falta deles, estabeleci que se três fontes confirmassem a informação, sem hesitar, consideraria aquilo como verdadeiro. Se alguém desmentisse ou alterasse alguma informação, buscaria mais confirmações ou descartaria a história/dado.

Este trabalho intenso de checagem de informações e dados me fez muitas vezes me questionar se estava fazendo o papel de jornalista ou historiadora. Consultei diversos arquivos, livros e documentos, às vezes para confirmar apenas uma data que talvez nem fosse tão importante para a matéria ou para o entendimento do leitor. Minha conclusão, após terminar de escrever o texto, é de que ao contrário de um historiador, eu possuía um gancho/

uma notícia que motivava minhas pesquisas e talvez seja essa a principal diferença entre os dois trabalhos.

Finalmente, minha ideia inicial para a redação do texto – sob o ponto de vista dos moradores ou ancorada em depoimentos – foi derrubada nas primeiras entrevistas. Não é fácil chegar para alguém e pedir "memórias" ou "histórias". É preciso fazer muitas perguntas para ativar a memória, e isso leva tempo, requer paciência. Em geral, as melhores entrevistas começaram a render só depois da primeira hora. Mesmo assim, poucas pessoas se lembravam de detalhes que me serviam para a construção do texto. Adquirir confiança das fontes também foi difícil, mesmo que fosse só para dizerem se compram ou não nas *free shops*.

6.2. APRENDIZADO

Os dois maiores aprendizados que levo deste trabalho são exatamente opostos. Aprendi o valor e a importância de trabalhar sozinha e de trabalhar em equipe.

Durante toda a minha graduação, nunca havia trabalhado totalmente sozinha. Mesmo em tarefas individuais, sempre podia contar com algum tipo de apoio. Algum conhecido sempre tinha fontes para indicar, conhecia exatamente o endereço das entrevistas ou sabia

como chegar, podia discutir ideias ou dúvidas com amigos ou professores e, no final do dia, dormia no conforto da minha própria casa.

Nos primeiros dias em Jaguarão, nada disso estava disponível – e mesmo que estivesse, na forma de um telefone celular ou do acesso à internet, eu não tinha tempo para recorrer a eles. Para chegar a muitas das fontes, precisei ser muito "cara de pau", e bater na porta de casas para me apresentar e pedir entrevistas.

Apesar disso, a sensação que sentia no final de cada dia de apuração era de que estava conseguindo me superar e cumprindo com minha missão. Se antes tinha dúvidas de que seria capaz de cobrir assuntos com os quais não tinha tanta familiaridade e em lugares que conhecia pouco (ou quase nada), após concluir este trabalho posso responder com toda a certeza de que sou capaz. O melhor de tudo é que não precisei percorrer grandes distâncias para descobrir isso.

Mesmo assim, ao final do quarto dia, só consegui dar o próximo passo e decidir que era a hora de ir embora após conversar com minha família e amigos sobre o que havia apurado. Talvez não tenha sido tecnicamente importante para o trabalho, visto que eu possuía as informações necessárias para escrever a reportagem, mas foi

importante para me tranquilizar e me ajudar a tomar uma decisão.

Por esses motivos, compreendi que os dois fatores se completam. Para exercer esta profissão, penso que é importante ser capaz de trabalhar sozinho, mas também entender e saber quando é o momento de pedir ajuda e confiar na equipe – mesmo que ela não seja exatamente uma equipe de jornalistas.

7. REFERÊNCIAS

DE SOUZA, Mauricio. Río Branco Desarrollo y Frontera. Monografía. Curso de Sociología, Universidad de la República (UdelaR), 2008.

FERREIRA, André Cassino. Interações na fronteira Brasil-Uruguai: um estudo de caso das cidades de Jaguarão-RS (Brasil) e Rio Branco (Uruguai). **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Ano 4, n. 37, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://tempo.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5243:interacoes-na-fronteira-brasil-uruguai&catid=207&Itemid=100076&lang=en>. Acesso em 17 de junho de outubro, 2014.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NOVAES, A.R. 2010. As Fronteiras na Imprensa: Um Estudo sobre a Representação das Fronteiras Sul-Americanas na Cartografia Jornalística. In: Rosendahl, Z. Corrêa, R. L.. (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 1, pp. 233-260.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTO, Nicole. Os impactos socioeconômicos dos duty-free shos de Rio Branco/Uruguai no município de Jaguarão/Brasil. Monografia. Curso de Ciências Econômicas, Universidade Católica de Pelotas, 2008.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

8. BIBLIOGRAFIA LIDA

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa. Um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

DORFMAN, Adriana. Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSC, 2009. Disponível em <http://tinyurl.com/a8vz4ko> . Acesso: 24 Março 2014.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Origens de Jaguarão**. Caxias do Sul: Ed. UFCS, 1980.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MANUAL Y NORMATIVA DE FREE SHOPS DE FRONTERA DE URUGUAY, 2012. Disponível em <http://freeshops.org.uy/pdf/manual.pdf> . Acesso: 7 Maio 2014.

MAZZEI, E., DE SOUZA, M. **La Frontera en Cifras**. Uruguai: Imprenta CBA, 2013.

PUCCI, Adriano Silva. **O Estatuto da Fronteira Brasil- Uruguai**. Brasília: FUNAG, 2010.

